

***Mestra de feitiçaria de graça primorosa:
Análise do discurso na poesia de Nahum 3,4-6***

***Master of Sorcery of Exquisite Grace:
Analysis of Discourse in the Poetry of Nahum 3,4-6***

***Maestra de brujería de gracia exquisita:
análisis del discurso en la poesía de Nahúm 3,4-6***

Resumo

O presente artigo busca analisar a construção da retórica de caráter profético exemplificada pelo discurso de Naum. O profeta constrói a imagem da mulher, por meio da feminilização da cidade de Nínive, a prostituta sedutora que fascina por meio do feitiço. O aspecto sedutor a identifica como uma mulher má, que deve ser punida com humilhação em suas partes íntimas, caracterizada como violação sexual. O profeta articula seu discurso apelando para as imagens da nudez da intimidade, sobre as quais, traz a forma do castigo como oráculo de Deus. Enquanto obra literária a poesia é bela, contudo, é composta por meio de uma linguagem violenta. Para entendê-la é preciso analisa a influência da Assíria sobre a sociedade israelita e a sua interferência na cultura. A poesia se utiliza da imagem feminina provocativa para personificar a cidade que considera politicamente má e perversa. A prostituta tipifica o comportamento social e político de Nínive sobre as nações dominadas.

Palavras-Chave: Poesia. Profecia. Mulher. Prostituta. Feitiçaria

Abstract

This article seeks to analyze the construction of prophetic rhetoric exemplified by Nahum's discourse, that is, how the prophetic entity constructs the image of the woman in her discourse, through the feminization of the city of Nineveh, the seductive prostitute who fascinates through the spell. The seductive aspect identifies her as an evil woman, who should be punished with humiliation in her private parts, characterized as sexual violation. The prophet articulates his discourse by pointing to the images of the nakedness of intimacy, upon which he brings the form of punishment as the oracle of God. As a literary work, poetry is beautiful, yet it is composed through violent language. To taste it, one must understand the influence of Assyria on Israeli society and its interference in culture. Poetry uses the provocative female

¹ Dra. em Ciências da Religião. Licenciada em Filosofia. Diretora Acadêmica da Faculdade Batista Brasileira. Procuradora Institucional. Professora dos cursos de Administração e Teologia. Professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo - Universidade Federal da Bahia. Avaliadora do MEC. E-mail: m.wandermurem@gmail.com

image to personify the city it considers politically evil and perverse. The prostitute typifies Nineveh's social and political behavior over the dominated nations.

Key words: Poetry. Prophecy. Woman. Prostitute. Sorcery

Resumen

Este artículo busca analizar la construcción de la retórica profética ejemplificada por el discurso de Nahúm, es decir, cómo la entidad profética construye la imagen de la mujer en su discurso, a través de la feminización de la ciudad de Nínive, la prostituta seductora que fascina a través del hechizo. El aspecto seductor la identifica como una mujer malvada, que debe ser castigada con humillación en sus partes íntimas, caracterizada como violación sexual. El profeta articula su discurso señalando las imágenes de la desnudez de la intimidad, sobre las cuales trae la forma de castigo como el oráculo de Dios. Como obra literaria, la poesía es hermosa, pero está compuesta a través de un lenguaje violento. Para probarlo, uno debe entender la influencia de Asiria en la sociedad israelí y su interferencia en la cultura. La poesía utiliza la provocativa imagen femenina para personificar la ciudad que considera políticamente malvada y perversa. La prostituta tipifica el comportamiento social y político de Nínive sobre las naciones dominadas.

Palabras clave: Poesía. Profecía. Mujer. Prostituta. Brujería

Introdução

O profetismo teve uma grande influência na história de Israel, especialmente aqueles que atuaram no auge da monarquia, os denominados de pré-exílicos. Teve papel fundamental ao anunciar e denunciar o sincretismo religioso e os abusos de uma comunidade que se descaracteriza como comunidade de irmãos, uma peculiaridade de Israel ao firmar uma aliança com Javeh, seu Deus. Dentre os profetas, nosso estudo pretende verificar as imagens de violência no discurso do profeta Nahum contra a cidade de Nínive, tipificada na imagem de mulher, punida de forma violenta, com ataques em sua intimidade, ao ser acusada de utilização da sexualidade para escravizar as pessoas. A proposta desse estudo não é a defesa das ações de opressão e violência do Império Assírio sobre as nações dominadas. Nosso olhar se volta para o discurso do profeta que utiliza de forma simbólica a feminilização da capital do império, para justificar a violação de cunho sexual.

Naum é um profeta pré-exílico. Não faz referência de datas, o que é característico no sumário redacional dos primeiros versículos nas profecias desta época. O contexto de sua poesia é a destruição de Nínive (Na 2.8-10; 3.6-7), que ocorreu por volta de 612 a.C. Nos textos se faz referência à invasão de Tebas, que era a capital do sul do Egito. A cidade de Tebas foi destruída várias vezes: 718 a.C., por Sargão III, da Assíria; 714 a.C., pela Etiópia e 663 a.C. por Assurbanipal, da Assíria. Portanto, não se tem clareza para definir em

que data a poesia foi escrita. A referência a queda da capital da Assíria está no capítulo 3, ali fala sobre a entrada do exército. Se a queda de Tebas aconteceu por volta de 663 a.C., a queda de Nínive veio 50 anos depois.

A queda de Nínive, por certo, foi um dos editos que alcançou os maiores marcos da região durante o tempo quando o livro de Naum estava sendo elaborado. Conhecendo o Império Assírio não é difícil entender a força e a antipatia que o poema manifesta contra a cidade e sua alegria no julgamento. Portanto a queda de Nínive está inserida num espaço histórico bem situado. (WANDERMUREM, 2002: p.8).

É possível que o profeta vivia em Jerusalém, por certo vivia no Sul, sua profecia deve ter ocorrido entre os anos de 663-600 a.C. Embora sua poesia total esteja direcionada a destruição de Nínive (1:1), a capital da Assíria, não há registro de que conhecesse aquele território. Refere-se a destruição do império, mas seus destinatários eram os judaítas, trazendo um oráculo de Javeh sobre a nação que mantinha a monarquia de Judá sob seu julgo. Ressalta-se que a forma de falar do profeta, não era desconhecida do *ethos* judaicos, já que a imagem da prostituta condenada fazia parte da simbologia do povo, porque outros profetas já usavam, de forma figurada, a feminilização de cidades como más e justificavam o oráculo e julgamento de Javeh.

O livro é pequeno, apenas três capítulos. No primeiro verso já se encontram termos para se questionar: por que Naum, um profeta judeu, focaliza sua atenção sobre a sorte de Nínive, uma cidade da distante Mesopotâmia? Dizer, simplesmente que Nínive era uma das maiores cidades da Assíria e a principal residência dos últimos reis assírios, não explica. É preciso ler esta bela obra literária com os olhos voltados para o seu contexto histórico, político e social. Estes dados são essenciais. São eles que fundamentam a importância para esta poesia de Naum. Nínive, como personificação do Império, suscita sentimentos negativos dos antissírios. Daí percebe-se por que Naum, um profeta de Judá, se propõe ser voz dos que almejam o dia da derrota. Para isso, é necessário ter um olhar sobre o império Assírio.

1. Contexto da poesia de Nahum

No pensamento do profeta o império da Assíria, especialmente por meio da capital, que escravizava as nações por suas libertinagens. Para entender o conteúdo da poesia é necessário saber algo sobre Nínive. A cidade era descrita com beleza que se destacava na região como fascinante. Enquanto representante do império que dominava a região, a cidade assustava. Era a representante de um coração pulsante desse império que com poderio militar, subjugou a região do crescente fértil por quase meio milênio. Nínive era temida pelas pequenas nações que lhe pagavam pesados tributos para poder viver em paz. Assíria inaugurou uma forma extremamente violenta de tratar os subjugados. A cidade era

bem protegida por muralhas e possuía três fossos. Esta segurança geográfica aliada ao seu poderoso exército fez da Assíria uma nação muito poderosa.

Assíria deriva de Assur, que significa lugar de passagem. A criação do Império assírio no século IX a.C., foi cruel para os pequenos Estados da Síria e Palestina. O Império ficava na Alta mesopotâmia e na região a leste. Estava localizada em um lugar de fácil acesso e possuía muitos atrativos, por isso sofreu ataques de muitos invasores. Foi talvez o perigo constante de invasões que despertou no povo assírio um feroz espírito de guerra. De acordo com Donner (2004), os assírios foram os primeiros a organizar um dos primeiros exércitos permanentes do mundo. Comandados por reis como Sargão II, Senaqueribe, Assurbanipal, generais que fizeram grandes conquistas militares e construíram um dos maiores impérios da antiguidade. As conquistas sem precedentes dos assírios foram devidas ao seu exército que foi o mais altamente organizado da história do Oriente Antigo. Nos primeiros tempos, o exército baseava-se no recrutamento dos camponeses, porém mais tarde tornou-se uma força permanente constituída de soldados que se engajavam por longo tempo. Do século VIII ao século VI a.C., dominaram uma extensa região que incluía toda a Mesopotâmia, o Egito e a Síria.

Em suas campanhas, os assírios deliberadamente recorriam a uma política de terrorização. Não só matavam ou escravizavam seus inimigos e devassavam-lhes as terras, como se vangloriavam com o maior sangue-frio de suas atrocidades. Cidades eram arrasadas ou destruídas por meio do fogo e inundações. As cabeças dos cadáveres eram cortadas e amontoadas em pirâmide, ou fincadas em seteiros. Vítimas eram esfoladas, cegadas, empaladas ou sepultadas vivas. Outras eram mutiladas e deixadas ao sol para morrer lentamente.

A época da dominação de Israel foi o período Neoassírio. Époça que alcançou grande influência na situação social, política e religiosa dos reinos de Israel e Judá, além, é claro, de toda uma região de circunvizinhança. É na segunda metade do oitavo século que a Assíria começa sua história mais extraordinária. Isso acontece por meio de Tiglat Pileser III, governou durante 745-727 a.C., este período inicia o pesadelo mais cruel dos reinos nas regiões da Síria Palestina (DONNER, 2004: p.29).

O rei Sargão II governou até 705 a.C., consagrou-se sufocando uma insurreição sírio-palestina e com a deportação de mais de milhares de pessoas de Samaria. Submeteu a Babilônia em 710 a.C. Com Sargão II, se estendeu desde o Golfo Pérsico. Senaqueribe (704-681 a.C.) tem ligações com a tradição bíblica, uma vez que concentra suas preocupações em dois pontos extremos de seu império: Sírio-Palestina por um lado, e a Babilônia por outro. Em 701 a.C., age contra uma coalizão fenício-filisteia de onde figura também a pessoa de Ezequias de Judá.

Com a vitória, Assíria assegura o domínio do litoral palestino, submetendo várias cidades e assaltando a poderosa fortaleza de Ebron. Terminada esta

tarefa, sitia a Jerusalém para vingar-se de Ezequias, cuja política, neste momento, é antissíria conforme 2 Reis 18,7 (FINKELSTEIN, & SILBERMAN, 2003). A Assíria exerceu grande influência na situação política social e religiosa das sociedades da tradição bíblica. E assim, o livro de Naum se dispõe a dirigir-se quase que exclusivamente à queda do império assírio, em especial, ao centro do seu poder: Nínive. A assíria conquista o Egito, persegue o rei egípcio Tutancâmon que se refugiou em Tebas. A cidade é devastada e saqueada em 663 a.C. Este fato é parte da memória da sociedade israelita.

Na história do Império Assírio, o legado deixado foi um acúmulo de textos preciosos, sobretudo, crônicas militares, dedicações, correspondências diplomáticas, templos, protocolos de presságios e outros objetos, que faziam parte da biblioteca real. Têm-se recuperado diversas compilações de textos religiosos e jurídicos, além de muitas inscrições comemorativas. No seu apogeu foi um marco do conhecimento, com amplas bibliotecas, e um portento cultural em termos arquitetônicos e artísticos. Teve interesse grande na astronomia, estabeleceram a posição dos planetas e das estrelas e estudaram a Lua e seus movimentos. Na matemática alcançaram alto nível de conhecimentos, comparável ao que posteriormente se verificaria na Grécia clássica.

No entanto, o lado negativo está no fato de que a sociedade da época bíblica, no período de domínio assírio, pode constatar que o império era sinônimo de muita violência. A pior de todas as violências era o que acontecia aos prisioneiros que sobreviviam as torturas. Estes eram transportados para outras terras. A intenção era cortar as raízes culturais, religiosas e familiares. Era uma dominação tão cruel que muitas nações optavam por rebelar-se. Mas o tratamento que davam aos povos que tentavam sair debaixo deste julgo era repletos de crueldade. Nota-se pelas principais ilustrações nas obras de arte que deixaram espalhadas em seu mundo, que a tortura de povos rebelados foi a sua especialidade. A fama, com os requintes de crueldades, alcançou muitos lugares. É isso que Nínive abriga. A cidade é o coração desta maldade. Só a destruição deste “coração” poderá livrar os povos de tão cruel destino. A partir desta ótica podemos entender a antipatia da poesia de Naum e sua alegria com a destruição da capital deste império: Nínive.

Na poesia, a cidade de Nínive representava o empoderamento do império, é identificada como uma prostituta com beleza e habilidade da prática de feitiçaria. Nínive era uma das principais cidades do potente império assírio. Estava localizada à margem do Rio Tigre. Ostentava suntuosos palácios e templos, abrigava a biblioteca de Assurbanipal, acumulava uma grande riqueza e cultura. Nessa capital, foram construídos palácios, esculturas decoravam os muros das salas e pátios, pedras ornadas com relevos em que celebram os méritos dos soberanos na caça ou no combate. Tais obras de arte apresentam, aos nossos olhos, a ilustração de uma história das campanhas e guerras com toda ênfase e destaque de uma tremenda crueldade e violência. Além das obras de artes

que testificam uma história, também se encontram obras literárias neste local. Principalmente na época de Assurbanipal, que foi um rei letrado, e por isso, em Nínive encontrou-se uma biblioteca que continham muitos cuneiformes com epopeias, literatura e a mitologia do mundo arcaico, tais como o relato da criação, a epopeia de Gilgamesh, os mitos de Etana, Adapa, Zu, etc.

A Nínive do poema de Naum era a personificação do tardio Império Assírio. Talvez os acontecimentos mais latentes para o poema são da época de Assurbanipal. Este foi o último rei poderoso da Assíria. Foi precisamente este rei quem lançou a mais forte sombra na vida política e cultural da existência de Judá.

É possível que os acontecimentos sob o reinado de Senaqueribe também sejam latentes em Naum. Afinal, foi este rei que devastou Judá, e outras cidades. Exorquiu pesado tributo de Ezequias, em sua crônica real, o retratou como “semelhante a um pássaro na gaiola”. Escolheu fazer de Nínive sua capital onde ele erigiu um magnífico palácio real como sua residência e assento para seu governo. Ele reedificou seus palácios, construiu pórticos e templos. Também construiu aquedutos e represas. Quanto ao suprimento de águas, também construiu um canal que trazia água de uma represa no rio Gamel, no norte a 48 Km de distância e controlava o influxo do rio Khasr, que atravessava a cidade mediante a construção de uma represa em Ajeila, ao leste. A necessidade de água era também para irrigar grandes parques ao redor de Nínive. Nesses projetos de construção eram usados os prisioneiros, incluindo os israelitas.

Os pesados anos de Judá, como vassalo assírio, foi durante o longo reinado de Manasses, filho de Ezequias, que reinou durante o período de 687-642. Ele comandou em Jerusalém debaixo de três senhorios assírios: Senaqueribe, Esarhaddon e Assurbanipal. Manasses, segundo o registro do cronista, livrou-se do exílio em Nínive, possivelmente por Assurbanipal, e isso, pode significar a formação de uma aliança entre os reinos. Assim a assíria passa a ter um rei vassalo a servi-lo em Judá. Todo o julgamento da história deuteronomísta sobre Manasses, identifica-o como o pior dos reis que governou Judá, conforme 2 Reis 21. Esta fama não lhe veio de graça. Não se atribui uma fama tão forte a uma pessoa quando esta não merece. Ele, possivelmente foi colaborador do Império em sua crueldade.

2. Estilo literário

A poesia está alocada na perícope que compreende o texto de 3, 1-6, dividido em dois parágrafos: 1-3, 4-6. No primeiro se descreve o momento da destruição. A ênfase nos termos indica a força no que está sendo usado para efetuar o massacre de Nínive. O v.1 que abre a perícope vem a com a interjeição הוי (hoy) que significa “ai”. Este termo tem como função visualizar a situação da cidade. Observa-se que a interjeição vem seguida de termos que identifica a

cidade como sanguinária. As outras três frases são sinônimas, querem enfatizar o que contém a cidade. Usa para isso os termos: “fraudes, enganos e rapinas sem fim”.

*Ai da cidade sanguinária,
repleta de fraudes e de enganos,
rapinas sem fim!*

Nos v.2-3 a poesia direciona atenção para descrever o momento da destruição. São onze frases que os compõem. As frases são curtas, mas de grande impacto. Demonstram todo o movimento do momento da invasão e destruição, apresentando termos usados: chicotes; carros, cavalos, espadas e lanças. Apesar de a linguagem conter requintes de muitas violências, é uma obra literária bem composta e de muita beleza. A mensagem é dura, para isso exige uma linguagem forte. É uma linguagem que suscita emoções quase que palpáveis. É esta linguagem que cria a beleza na poesia. Beleza e a força estão na arte do poeta, como nestas frases nominais que descrevem a entrada do exército causando a destruição.

² Estalido	de chicote!
Estrépito	das rodas!
Cavalos	a patejar!
Rangidos	de carros!
³ Ginetesque	empinam!
lampejar	de espadas
cintilar	de lanças!
Vítimas sem conta!	
Montes de corpos!	
Cadáveres sem fim!	
Tropeça-se em mortos.	

O poeta desenha com palavras as imagens que penetram a mente. Utiliza frases curtas, com traços breves e justapõem as frases para dar sentido ao discurso. O efeito na descrição causa impacto, porque apresenta os instrumentos utilizados na força da destruição implacável. Há muitas frases na poesia que denotam a coragem na proclamação do julgamento contra o poder totalitário. As palavras representam inconformidade com a injustiça. Nas frases transparecem à consciência crítica, que além de sofrido, está revoltado. Acima de tudo, a poesia alcança seu ponto alto na satisfação de perceber a queda. Ironiza a prepotência dos poderosos e usa para proclamar o extermínio das cidades opressoras uma linguagem extremamente violenta. Esta linguagem é dita de maneira tão forte que, ao ler as frases, podemos quase que visualizar um filme. Após a apresentação dos instrumentos vem a demonstração dos resultados, que é a morte.

Nas quatro frases finais do verso aponta para o resultado da destruição. Morte! São frases sinonimamente repetidas para enfatizar a matança. Assim a

frase: “vítimas sem conta!” vem reforçada pelas outras três: montes de corpos! Cadáveres sem fim! Tropeça-se em mortos. Este composto de frases quer dizer que houve na cidade a matança de vidas, com o extermínio da vida na cidade junto com tudo que ela representa.

A poesia comunica sua mensagem com todos os truques de palavras e arte que o idioma lhe permite. Domina os símbolos, principalmente quando se trata de guerras. Outro fato importante na poesia é a arte da repetição. O poeta sublinha pontos, e para isso, repete palavras e frases. Às vezes, repete-se a mesma palavra, outras, lança mão de sinônimos com o intuito de repetir a ideia, como no estilo linguístico deste verso. Nota-se que a poesia centra sua atenção numa cidade e, ainda que extraia todo seu argumento do passado e do futuro, refere-se quase todo tempo ao ato presente. Os valores que inspiram Naum são: o nobre e o vil/mal. Todo este aparato linguístico tem uma só finalidade: Descrever o fim de Nínive. Faz em forma de oráculo. Para ressaltar o impacto da destruição apresenta sempre os “excessos” da cidade. Quais são estes excessos? A poesia enfatiza: riqueza, poder e violência sobre os dominados.

Enfim, eis a obra de Naum: uma poesia bem elaborada que “olha” com satisfação a queda merecida da grande Nínive. O texto não é tanto um manual de teologia, antes é uma obra literária e, como tal, usa linguagem característica da literatura. O resultado do uso adequado dos termos compara-se a uma sinfonia musical.

2.1 O texto em estudo: Nahum 3,4-6

Nosso estudo será trabalhado com três versos que compõem o coração da poesia de Naum, um oráculo de castigo destinado a cidade de Nínive, já que se refere a destruição do centro administrativo do Império. Antes de fazer uma análise dos termos que dão base para investigar o discurso do profeta, se faz necessário entender o estilo literário da poesia.

⁴Por causa רב (= *dob*) da grande prostituição וְיָנִין da bela טוב e encantadora וְהָיָה prostituta וְיָנִיהּ, da mestra בְּעֵלְהָ de feitiçarias כְּשָׂרָה, que escravizava מְכַר os povos גֹּיִם com a sua prostituição וְיָנִין e as gentes מְשֻׁפָּהָה, com as suas feitiçarias כְּשָׂרָה .

⁵Eis que eu estou contra ti, diz יְהוָה o SENHOR יְצַבֵּא dos Exércitos; levantarei גְּלָה as abas שֹׁל של de tua saia sobre o teu rosto פְּנִיִם, e mostrarei רָאָה às nações גֹּיִם a tua nudez מַעַר, e aos reinos מְמַלְכָה, as tuas vergonhas קָלִוֹן .

⁶Lançarei שְׁלֵה sobre ti imundícias וְשִׁקְרָי, tratar-te-ei com desprezo וְנִבַּל e te porei שׂוֹמֵם por espetáculo וְרָאָה .

Nestes versos é onde está centrado o nosso estudo, por isso, vamos verificar de forma mais consistente os termos que serão base para nossa análise. Aqui o poeta identifica as motivações que levam ao julgamento. Precisa legitimar as palavras proferidas no oráculo divino. Inicia com a exposição “por causa”: רב. estabelece o castigo.

Verso 4:

Por causa רב (= *dob*) da grande prostituição זנות da bela טוב e encantadora טו
prostituta זנה, da mestra בעלה de feitiçarias קשור, que escravizava מקר os povos
גו com a sua prostituição זנות e as gentes משפחה, com as suas feitiçarias קשור.

O verso inicia um outro assunto que é onde o poeta faz o oráculo. Refere às causas que levam a destruição. A expressão: “por causa” abre o parágrafo. Este verso demonstra que a sentença já foi aplicada. Novamente o texto atribui uma outra identidade para a cidade: é uma *prostituição da bela e encantadora prostituta, ela é mestra em feitiçaria que escraviza, com a prostituição o povo com suas feitiçarias*. A Identidade está formada sobre os seguintes termos:

Prostituição - זנות

bela - טוב

encantadora - טו

prostituta - זנה

mestra - בעלה

escravidão - מקר

feitiçarias - קשור

O verso começa com a informação sobre a causa רב, o termo *dob* significa urso, metaforicamente é usado para descrever atitudes ruins, como um ataque de ursos, isto é, ataques são animais. São ataques insensíveis, egoístas e sem sensibilidade espiritual. O termo sugere ferocidade contra alguém indefeso, (HARRIS, 1998). O profeta utiliza essa simbologia de ataque animal para informar quem praticava e quem sofria. Era ataques da grande prostituição. O termo זנות que está se referendo a prostituição, aparece duas vezes no verso 4, no início, situa o oráculo: “por causa da grande prostituição” e no fim, fala da habilidade que estava vinculada a feitiçaria, no sentido de sedução sem dar chance de defesa. A ideia básica é ter relações sexuais ilícitas, aplicada especificamente as mulheres. O sentido literal da raiz desta palavra se refere a relações heterossexuais ilícitas. Ressalta-se que a prostituição não era severamente condenada se a mulher não tivesse ligação de pertencimento a algum homem, isto é, para ser uma *Zonah* a mulher não podia ser filha, irmã ou mãe de um menino. No caso de esposa, que tem relações sexuais ilícitas, as práticas seriam de adultério (*naap*) e havia punição com a morte.

O termo *zânâ* figuradamente se refere a Israel, quando mantém relações culturais com outras divindades e acordos políticos com nações internacionais (HARRIS, 1998). O termo não é associado a mulheres casadas. No texto, Nínive é uma זנה uma prostituta e usa dessa posição para estabelecer relações com outras nações com vistas a obter, por meio de seus poderes, benefícios políticos e monetários, veja que o texto diz que ela é bela טוב, e encantadora טו que

são elementos adicionais a uma prostituta que emprega táticas atraentes, mas enganosas que acabam por produzir domínio opressivo, isto é, escraviza מְכַר outros povos.

No texto, os termos são usados de forma figurada para identificar as relações internacionais pervertidas do império Assírio, que representada por sua capital sedutora, que estabelecia relações com as outras nações com vistas a obter benefícios políticos e monetários, no caso de Nínive existia o elemento de empregar táticas atraentes (sedutoras), mas enganosas que se constituía de domínio opressivo sobre os outros povos. No verso explicita que a prostituição era realizada pela bela טוב (=tob) e encantadora הֵן (hen) prostituta. A beleza que encantava condicionava a prostituta ser mestra בַּעֲלָה , e a habilitava para prática da feitiçaria כְּשָׁרָה , (kaxep). O termo *kaxep* aparece duas vezes no verso.

Outro elemento importante vem no uso do termo feitiçaria, porque ela é mestra em feitiçaria כְּשָׁרָה . O termo no acadiano é *kasapu* e nougarítico é *ktp* que significa bruxaria (HARRIS, 1998). Aparece duas vezes no versículo, na primeira é para indicar que tem expertise pois é mestra no assunto e na segunda, informa que é desse conhecimento que sai a capacidade para enfeitiçar as nações. Ressalta-se que no meio de Israel, a pena para tais práticas era a morte. Portanto, a identificação feminilizada de Nínive informa que ela era a prostituta que tinha habilidade, era uma mestra em feitiçaria. A prostituição e a feitiçaria são instrumentos que lhe dão poder para escravizar as nações.

Verso 5:

Venho contra אל ^{ti}, oráculo do SENHOR יהוה de todo o poder צבא ; descubro גלה a tua saia שול até a tua cara פנים , para exibir ראה às nações גוי a tua nudez מער , e aos reinos ממלכה , as tuas vergonhas קלון .

O verso inicia com a palavra “contra” (‘el), trata-se de uma preposição que expressa ideia de movimento em direção a alguém ou alguma coisa. O verso se organiza em torno dos termos:

Contra - אל

Senhor - יהוה de poder - צבא

Descobrir - גלה

tua saia - שול

cara - פנים

exibir - ראה

nudez - מער

vergonhas - קלון

Se no verso anterior a identificação era da cidade feminizada com características de poder e sedução, neste verso a pessoa de poder identificado é Javeh. O Deus que se posiciona contra as seduções da bela e hábil feiticeira. Há um contraste entre as duas personagens e os dois poderes, se a prostituta tem poder sobre as pessoas e as escravizam com seu fetiche, Javeh tem poder para ir contra ela. E as ações executadas é de descobrir, expor a nudez.

O termo que inicia as ações é גָּלָה *gala*, que significa ‘descobrir, tirar’, aqui tem também a ligação com o desnudar-se, expor a intimidade deixando visível (HARRIS, 1998). Trata-se de levantar a roupa até o rosto para expor a intimidade. O termo *gala* vem reforçado pelo termo רָאָה (*raah*) no sentido de “exibir aos olhos”, “mostrar”, neste sentido a ação de Javeh é descobrir para exibir aos olhos. Vai ser descoberto e exibido, aos olhos, a nudez, מָעַרַ , (*ma‘or*). A exposição culminaria em humilhação, causada pela vergonha da intimidade exposta, קָלוֹן (*qalon*), o sentido é de “rebaixar e humilhar”, usa-se esse termo qualificar aquilo que não merece honra (HARRIS, 1998).

Verso 6:

Eu te cubro שְׁלַבּ de imundícias שְׁקוּץ , para te desonrar גָּבַל e te porei שׂוֹם como espetáculo גָּאִי .

Neste verso as ações de Javeh sobre a bela prostituta continua sendo oraculada, as ações passam pelos atos de cobrir com imundícias, e expor como espetáculo. Acentua a humilhação. Trata-se de alguém que vai ser exposta em sua nudez, visível diante dos olhos para servir como espetáculo. O verso vem guiado pelos seguintes termos:

cubro = שְׁלַבּ
 imundícias = שְׁקוּץ
 desonrar = גָּבַל
 porei = שׂוֹם
 espetáculo = גָּאִי

São três termos por onde perpassam as ações oraculadas por Javeh: Cobrir de imundícies (שְׁקוּץ) = *Xiqquts*, esse termo significa excremento humano, é algo abominável. Uma coisa que está manchada, impura, algo que faz com que as pessoas tenham aversão, uma repulsa ao ver. Uma pessoa coberta de imundície se torna detestável aos olhos, (HARRIS, 1998). Por isso, o termo também é empregado em contextos de práticas idolátricas que são abomináveis e detestáveis aos olhos de Deus, como foram os rituais de Israel para outros ídolos, que são classificados de abominações.

Outra palavra forte no verso é ‘desonrar’, que vem na ação de ser colocada como espetáculo (רָגַל) = re’i. O primeiro sentido deste termo é de espelho, aparência do que se vê. Possui o sentido de ver com os olhos. Isso é, a pessoa vai se ver com os próprios olhos a sua desonra. Com esses dois termos o oráculo enfatiza que a pessoa vai estar coberta com imundície e exposta aos olhos dela e de outras pessoas, ser vista coberta de excremento humano, causa aversão.

2.2 A retórica profética no oráculo de condenação

Os profetas receberam a missão de comunicar com o público de Israel. Assumiram o papel de oracular a palavra de Javeh. Eram pessoas de sua época, inseridos em um contexto sociocultural, por isso, traziam a fala de Javeh para esse seu ambiente filosófico vivido por eles. Os profetas pré- exílicos estavam envolvidos com assuntos da monarquia e seu envolvimento com a política interna e externa que enfrentava. Usavam para isso sua retórica onde traziam, por meio de seu chão cultural, exortações.

O profeta Naum é um profeta pré-exílico, época que a profecia se envolvia com os assuntos monárquicos em relação a política externa e interna. Ele usa a retórica para se dirigir ao seu grupo de interesse. O texto é belo e o profeta se comunica com eloquência. Expressa suas ideias de forma eficaz e bonita, contudo, a escolha das palavras é de extrema violência. Com o oráculo sobre a destruição de Nínive, apresenta para Israel como Deus fará esse julgamento. Entra no contexto ações de domínio do homem sobre a mulher. Como se trata de uma cidade má que se expressa de forma sexual independente, não há como ser dominada, então será julgada. É um dos profetas que usa simbologia de feminilização da cidade e a julga na forma como se pensava os castigos das mulheres consideradas más.

A linguagem profética utilizou de diversas maneiras, às imagens sexuais (matrimonias) para comentar as condutas sociais, políticas e econômicas de Israel. Eles não foram os primeiros a feminilizar cidades. Essa tradição, em descrever as cidades como femininas, procede do amplo mundo mitológico do Antigo Oriente Próximo. Era costume literário utilizar tal recurso para apresentar as cidades, especialmente as capitais. Tanto como as mulheres, as cidades não só são vulneráveis diante das incursões, mas também, abrigam a população dentro de suas muralhas, a alimenta, a cuida e a defende.

Dentro deste modo de pensar, também havia a consciência de que as cidades capitais dos impérios ou das monarquias estavam, por alguma razão, vinculadas a um Deus e protegidas por ele. Tal divindade passava a ser o senhor da cidade. Portanto, o povo do Oriente herdou tal maneira de pensar sobre cidades e mulheres e a utilizaram para extrair paralelos entre as nações de Deus diante da idolatria de Israel e as reações do marido diante do adultério de sua esposa. Há uma diferença na construção literária do Antigo Oriente Próximo e a literatu-

ra do antigo Israel. No primeiro caso, falava-se sempre positivamente da capital, e no segundo, a capital podia ser descrita positivamente (ex. a Amada, Sión) ou negativamente (prostituta). A descrição dependia do que os profetas queriam metaforizar; vilipendiar ou despertar simpatia.

Naum faz uso deste recurso literário para falar do julgamento de Nínive. Trata-se da capital de uma nação estrangeira. Utiliza para tal situação a imagem da “prostituta”, que possui uma capacidade de enfeitiçar, utilizando sua beleza e sedução como arte imbatível que escravizava. Na poesia, a fala profética olha a prostituição como uma conduta sexual inadequada. O texto é belo. Mas qual é a necessidade de se trazer um oráculo que feminiliza a cidade e utiliza de uma linguagem sexual violenta?

Notavelmente, esse tipo de linguagem em relação às mulheres, era apreciada em meio aos ouvintes do profeta. Simbolicamente se entendia a forma do oráculo de Javeh que se prontifica a machucar onde se doía mais a honra de uma mulher, que indefesa vê suas roupas serem levantadas, suas partes íntimas serem expostas aos olhos, como espetáculo, aos que assistem sua humilhação. Pelas retóricas, nos textos proféticos, a demonização da figura feminina é um meio de chamar atenção do seu público e fazer sua mensagem eficaz, assim como Javeh humilhava as mulheres, legitimavam homens no seu procedimento cotidiano contra as mulheres identificadas como belas e sedutoras.

No cenário da poesia profética a transgressão sexual é conectada diretamente à transgressão do que era moralmente correto para a cultura em relação ao papel feminino. Nínive estava simbolizando uma mulher que usava sua arte de feitiçaria, essa capacidade não estava intrínseca nas habilidades feminina, porque vinha da utilização de malignidade abominável que a auxiliava na efetivação de seus planos, pois é pela sexualidade independente que age para apropriar-se do desejo de outros, tornando-os escravos. A bela feiticeira, uma mulher altamente relacionada à sexualidade, executa o mal e comete todos os atos maléficis dos quais passou a ser acusada (ZUBER, 1990).

Na poesia, outro rótulo da cidade mulher é a prática de feitiçaria. Na maioria das sociedades e civilizações antigas, desenvolveu-se o imaginário das práticas mágicas da feitiçaria e da magia, e desde o início das civilizações a figura feminina ocupou o lugar de intermediar essas forças mágicas, assim, ela ficou arroladas aos conceitos e pré-conceitos construídos nos aspectos culturais, sociais, políticos, psicológicos e religiosos. Deste espaço que foram criadas as retóricas que construíram as características das mulheres e as inseriu dentro de papéis sociais e culturais nas sociedades.

Os escritos de Muraro sobre a edição brasileira do manual de Inquisição do *Malleus Maleficarum*: O Martelo das Feiticeiras de 2002, nos informa que é preciso ter uma visão da mulher na história pela história humana, só por esta visão se consegue avaliar as condições que a mulher foi relegada nesta história (MURARO, 2002).

Como figura feminina que se enquadra dentro do que a sociedade constituiu com atributos consideradas anormais para uma mulher, a acusação e identificação como uma prostituta que praticava feitiçarias, alguém que usava desses artifícios que lhe davam poder para o fetiche, meios pelas quais conseguiu escravizar e manipular as pessoas. Portanto, Nínive é uma mulher que não se enquadra nas normas patriarcais sociais. Não se trata, apenas, de uma prostituta, o foco do oráculo se forma em torno da arte de fazer feitiçarias, é onde se enquadra o seu poder de sedução e escravidão das pessoas. O rótulo de feiticeira a qualifica como uma mulher de índole ruim, que não se pode confiar.

No meio de Israel, a prática de feitiçaria era condenada, geralmente eram pessoas banidas da sociedade. Ressalta-se que em todas as sociedades conhecidas a acusação de prática de feitiçarias possuem elementos que são comuns, entre elas, notoriamente, as mulheres são as mais identificadas com essa prática, o medo passa pelo fato de que elas conseguem manipular fórmulas mágicas com as ervas, que tanto pode matar como curar. Nas sociedades patriarcais não se admira de que as acusações e identificação de mulheres que desenvolvessem qualquer poder era controlado, por causa do domínio sobre as mulheres.

Portanto, a feminilização de Nínive se enquadra dentro da exigência do mundo patriarcal que controla as ações de empoderamento das mulheres, ao ser taxada de uma prostituta que tem habilidade na arte de feitiçaria, justifica a sua condenação de forma violenta. Essa forma de acusação e condenação não era desconhecida da sociedade judaíta que eram os ouvintes do profeta Naum.

3. A Prostituta Humilhada

Os versos 4-6, do capítulo 3 do livro de Naum, chama atenção por ser o centro da fala de julgamento da cidade de Nínive, a capital do império assírio. O oráculo se firma na acusação da prostituta que possui habilidade na arte de feitiçaria. A prostituição é, na vida das mulheres, a profissão mais antiga do mundo. Quando se busca a origem do surgimento desta profissão, os registos são antigos, as menções sobre a prostituição feminina data de 4500 anos na história.

No oráculo de Naum, o foco é na atitude da mulher que é qualificada como má. Nos versos há boa reflexão sobre a mentalidade dos profetas em relação à conduta sexual feminina. Essa forma de feminilizar cidades para justificar o seu castigo foi usado por boa parte dos profetas. Naum mais uma vez faz uso do recurso. Eis a imagem feminina tipificando o pecado de Nínive! É evocada, mais uma vez, a imagem das “más meninas”, com o símbolo da prostituta, intensificando a arte de feitiçarias.

O oráculo se baseia na imagem feminina provocativa para personificar a cidade que considera politicamente má e perversa. A imagem da prostituta denuncia condutas profana e má da cidade. Ao fazer uso deste recurso linguístico que “supõe”, por um lado, um recurso poético, e por outro, anunciar o castigo

divino sobre a maldade e anarquia social, Naum põe em equivalência as normas e o comportamento social através deste símbolo. Portanto, é Nínive como uma mulher sexualmente depravada e, por isso, é condenada. Veja que a prostituta é o jeito de falar do comportamento social e político de Nínive. Também tipifica uma relação em que os princípios de poder, da propriedade, da posse e da pureza estão em perigo. Que melhor estratégia para legitimar o justo castigo de Javé?

A utilização dessa imagem feminina sexualizada, com empoderamento e arte de domínio tem a função de assegurar atenção do público para a mensagem, que por certo era masculina. A imagem causa impacto de efeito sobre o público ouvinte. Os versos usados na poesia ajudam refletir sobre o imaginário sócio coletivo do profeta em relação ao sistema cultural das mulheres e da sexualidade feminina. Fica claro, que a “promiscuidade” nas mulheres supunha uma ameaça aos códigos sociais e pessoais que constituía a identidade patriarcal de Israel. O texto estabelece a conexão entre a conduta sexual feminina, com a maldade e o poder, a violência e o erótico, o medo e a devassidão. A prostituta é apresentada como sedutora, provocativa, violenta. Ela tem como alvo mudar a conduta dos “bons” homens (nações).

O conhecimento dos atos e atitudes de uma prostituta, que, aliás, não é de agrado do profeta, informa que Naum conhecia o poder do discurso figurativo sobre a imaginação dos homens. Por isso, faz uso desta imagem trabalhando através de versos bem formulados e uma boa retórica as regras de persuasão.

Na sociedade de Israel se tinha bem destacado a divisão entre as mulheres esposas e as mulheres prostitutas. Porém, a história informa que essa divisão é bem antiga. A descoberta é que ela é tão antiga quanto à história patriarcal. Foi na antiga Suméria em torno de 2000 a.C., que surgiram as primeiras leis segregando as duas. O Código de Lipit-Ishtar que foi escrito cerca de 1880 anos a.C., era destinado a estabelecer o direito nas regiões da Suméria e da Acádia, na era de Lipit-Ishtar que foi o quinto rei da dinastia de Isin, estabelecia que se a esposa de um homem não tiver lhe dado filhos, mas uma prostituta da rua tiver lhe dado filho, o homem deve prover a esta prostituta seu vinho, azeite e roupas, e os filhos que gerou dele serão seus herdeiros, mas enquanto a esposa viver, a prostituta não deverá morar na casa junto com a esposa. (PACHECO, s/d).

Nas leis culturais sumerianas sobre o casamento, informa que os pais sempre aconselham seus filhos a não tomar uma prostituta como esposa e nunca fazer dela a dona de sua casa, a orientação vem do medo de que uma mulher que está acostumada a ter muitos homens, como uma mulher que viveu a vida de forma autônoma poderia não ser obediente ao marido. O medo é do filho não poder exercer o domínio sobre a mulher já que ela já possuía liberdade sexual, não era pura, mas com experiência que não deixaria controlar sua sexualidade.

Segundo ROBERTS (1998), por volta dos anos 1100 a.C., os assírios lançaram as primeiras prescrições legais nos códigos para os trajés das prostitutas.

Elas foram instruídas a usar jaquetas de couro especial, para atrair atenção, e foi promulgado um decreto segundo o qual elas não deviam de modo algum usar o véu, que era reservado como uma marca da submissão da mulher, filha ou esposa, a um homem. As prostitutas que desafiavam esta lei arriscavam-se a receber 50 chibatadas e ter um produto como o piche derramado sobre a sua cabeça.

A denúncia da prostituição é testemunha da dificuldade, que possivelmente os próprios guias espirituais encontraram para controlar a vida sexual de seu povo. Pelos textos do Antigo Testamento nota-se que a prostituição não era algo incomum na sociedade. A prostituição floresceu em Canaã, elas podiam ser vistas pelas ruas das cidades, onde cantavam e tocavam harpas, sentadas nos cruzamentos das ruas, nas soleiras de suas casas chamando os passantes ou até andando pela cidade com seus trajes coloridos.

Os hebreus realizaram um combate ainda mais rígido. Atacavam a prostituição e qualquer mulher que fugisse das normas de virgindade, casamento e submissão ao homem, sustentando-se na ideia, baseada na figura de Eva, de que a autonomia sexual feminina era a origem de todo o mal da humanidade.

A Grécia foi o primeiro país a cafetinar mulheres. Na vida social da Atenas clássica as mulheres foram, sistematicamente, perdendo direitos. Sólon, no século VI a.C., implementou um programa de leis que regulamentou o lugar de todas as mulheres na sociedade. O espaço doméstico era seu lugar e sua educação era exclusivamente voltada para isto, ela tinha uma série de restrições em relação a sair de casa, era proibida de possuir ou herdar qualquer propriedade, vivia sob o controle do pai, posteriormente, do marido, e, se este morresse antes dela, do filho mais velho. Dividia as mulheres em duas categorias: Esposas ou prostitutas, de modo que qualquer mulher que tentasse ter uma vida independente de um homem, as estrangeiras, as pobres e as escravas eram enquadradas na segunda categoria o que, muitas vezes, de fato acontecia, pois possuíam poucas opções de sobrevivência além da prostituição, (BERQUÓ, 2005).

Segundo BERQUÓ (2005), a visão tradicional da mulher na Atenas Clássica é a da reclusão doméstica: elas devem ficar em casa, restritas ao gineceu, como boas esposas, cuidando do lar e gerando filhos. A imagem da mulher enquanto outro, que deve ser visto com desconfiança, remonta a Hesíodo (séc. VIII a. C.), com o mito de Pandora, descrito na Teogonia e em Os Trabalhos e os Dias. Conforme Hesíodo, a mulher foi criada pelos deuses como punição pelas atitudes de Prometeu, que os enganou, roubando o fogo e oferecendo apenas as entranhas, os ossos e a gordura nos sacrifícios. Assim, a mulher seria “belo o mal em vez de um bem” e constituiria uma raça separada da dos homens. Seria a mulher um mal que habita entre os homens. Assim, pesa sobre Zeus ter lançado esse mal sobre a humanidade.

Para as mulheres sem vínculo aos homens se firma a necessidade de se prostituir para sobrevivência, surge em Atenas os bordéis, onde homens ad-

ministravam um sistema de prostituição, lucrando com o controle de serviços sexuais ofertados.

Enfim se conclui que a imagem da prostituta está carregada de uma expressão de mulher que se define por ser má, por causa da vida vinculada a sexualidade que está destinada a vários homens. Alguém que não pode ser controlada, por isso, é uma má influência na sociedade, apesar de ser usada para as necessidades sexuais dos homens.

A figura negativa da prostituta deu aos profetas bíblicos, do Antigo Testamento, uma imagem onde se alocou os discursos de julgamento sobre as cidades, onde se notava uma realidade fora do estabelecido na cultura religiosa da sociedade israelita.

Enfim, as prostitutas são alvo de duras críticas dos profetas. Eles veem nelas a noção de que a autonomia sexual das mulheres era a raiz de todo o mal, e passaram a identificar às mulheres que viviam de seu corpo como a incorporação viva de tudo que é mal. Essa imagem faz parte do imaginário do povo israelita, e foi utilizada para descrever cidades capitais de reinos para demonstrar suas maldades e injustiças.

Considerações Finais

É fato que o profetismo teve uma grande influência na história de Israel. O estudo verificou as imagens de violência no discurso do profeta Naum contra a cidade de Nínive, tipificada na imagem de mulher, punida de forma violenta, com ataques em sua intimidade, ao ser acusada de utilização da sexualidade para escravizar as pessoas.

O julgamento de Nínive, oraculada pelo profeta, veio pelo fato de a cidade ser temida pelas pequenas nações que lhe pagavam pesados tributos para poder viver em paz. O império Assírio tinha inaugurado uma forma extremamente violenta de tratar os subjugados, o que leva a entender, em certo ponto, a linguagem violenta empregada pelo profeta para descrever a destruição do coração de um império desumano.

A poesia de Naum centra na destruição de Nínive, o texto é uma obra literária e, como tal, usa linguagem característica da literatura. Nínive está simbolizada na imagem de uma mulher que usava sua arte de feitiçaria, essa capacidade a auxiliava na efetivação de seus planos malignos, e pela sexualidade age para apropriar-se do desejo de outros tornando-os escravos. A bela feitiçeira, uma mulher altamente relacionada à sexualidade, executa o mal e comete todos os atos maléficos dos quais passou a ser acusada, essa é a visão justificada do profeta que propõe o julgamento de Javeh sobre a cidade-mulher.

Portanto, a feminilização de Nínive se enquadra dentro da exigência do mundo patriarcal que controla as ações de empoderamento das mulheres, ao ser taxada de uma prostituta que tem habilidade na arte de feitiçaria, justifica a sua

condenação de forma violenta, especialmente no que tange a violação sexual. Essa forma de acusação e condenação não era desconhecida da sociedade judaítas que eram os ouvintes do profeta Naum.

Referências

- BERQUÓ, Thirzá Amaral. *Entre as heroínas e o silêncio: a condição feminina na Atenas clássica*, 2005. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/oficinadohistoriador/article/download/19053/12112/>
- DONNER, H., *História de Israel e dos povos vizinhos II*. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2004. FINKELSTEIN, I. & SILBERMAN, N. A. *A Bíblia Não Tinha Razão*. São Paulo: A Girafa, 2003.
- PACHECO, J. Franclim. *MESOPOTÂMIA Leis 3: Código De Lipit Ishtar*. Visível em <https://www.calameo.com/read/0055056156b7941d3ea20>. Visitado em 03 de maio de 2023.
- ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos. 1998.
- WANDERMUREM, Marli. Um estudo sobre Naum. In: *Estudos Bíblicos* n.73, Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- HARRIS, R. Laird (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- ZUBER, Christiane Klapish. As normas do controlo. In: PERROT, Michelle. DUBY, Georges. *História das Mulheres: Idade Média – Vol. 2*. Editora Afrontamento, Ltda. Porto, Portugal. 1990.
- MURARO, Rose Marie. Martelo das Feiticeiras: Malleus Maleficarum. *Breve introdução Histórica*. in <http://www.dhnet.org.br/dados/livros/memoria/mundo/feiticeira/introducao.html>. Visitado em 03 de maio de 2023.

Marli Wandermurem